

TRANSCRIÇÃO GRÁFICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

GRAPHIC TRANSCRIPTION: CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Luana Duarte Silva¹

Universidade Federal de Catalão

Maiune de Oliveira Silva²

Universidade Federal de Catalão

Vanessa Regina Duarte Xavier³

Universidade Federal de Catalão

Resumo: Realizar transcrição gráfica de textos orais é um desafio para a maioria dos estudiosos da linguagem, porque cada *corpus* pode demandar uma metodologia específica, assim como recursos computacionais que possam auxiliar nesse processo. Este texto apresenta algumas ferramentas computacionais para se realizar a conversão da modalidade oral à escrita e fornece subsídios basilares para que pesquisadores de diferentes áreas possam conhecer e selecionar o melhor método para os seus estudos. Nesse sentido, descrevemos três programas que têm auxiliado o desenvolvimento de pesquisas com fontes orais por parte do nosso grupo de pesquisa. Labov (1983), Du Bois (1991), Ramilo e Freitas (2001) e Paula (2010) apresentam reflexões para a elaboração de metodologia de transcrição gráfica, respeitando-se a fala e o seu enunciador. Os resultados apontam que, embora o pesquisador lance mão dessas ferramentas computacionais, seu comprometimento em revisar a transcrição ainda é imprescindível, pois se uma fala é sobreposta, por exemplo, dificilmente a ferramenta auxiliará com a transcrição de todas as falas.

Palavras-chave: Transcrição Gráfica; Textos Orais; Metodologia.

Abstract: Performing graphic transcription of oral texts is a challenge for most language scholars, because each corpus may require a specific methodology, as well as computational resources that can assist in this process. This paper presents some computational tools to perform the conversion from oral to written modality and provides basic subsidies for researchers from different areas to know and select the best method for their studies. In this sense, we describe three programs that

¹ Possui mestrado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (2013); e especialização em Leitura e Produção de texto pela Universidade Federal de Goiás (2010). Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão. E-mail: luana_duarte@ufcat.edu.br.

² Possui mestrado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (2017). Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão e bolsista CAPES. E-mail: maiune20@gmail.com.

³ Possui doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2012). Atualmente é docente adjunto do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma universidade; email: vrdxavier@gmail.com.

have helped the development of research with oral sources by our research group. Labov (1983), Du Bois (1991), Ramilo e Freitas (2001) and Paula (2010) present reflections for the development of a graphic transcription methodology, respecting the speech and its enunciator. The results indicate that, although the researcher makes use of these computational tools, the researchers' commitment to reviewing the transcription is still essential, because if a speech is enunciated overlapping, for example, the computational resource will hardly be able to help with the transcription in a reliable, trustworthy way.

Key words: Graphic Transcription; Oral Texts; Methodology.

Submetido em 8 de outubro de 2021.

Aprovado em 13 de janeiro de 2022.

Introdução

Pesquisadores de diversas áreas que trabalham com textos orais se deparam frequentemente com os desafios da transcrição gráfica para desenvolver suas pesquisas com materiais confiáveis. Não há nas universidades nem em seus cursos um material de base ou de apoio que dê suporte para o desenvolvimento desse tipo de estudo. Isso porque não há consenso entre os estudiosos de textos orais sobre o conjunto de normas mais adequado aos seus trabalhos, o que resulta em uma diversidade de normas, quando os pesquisadores dispõem-se a detalhá-las, já que nem sempre isso acontece.

Por isso, há muita dificuldade em realizar pesquisas com texto oral, além de muita resistência por parte dos pesquisadores, que muitas vezes desistem pelos mais variados empecilhos encontrados no caminho.

Como em qualquer interação social, o texto oral apresenta suas particularidades, de modo que uma entrevista feita pelo pesquisador é diferente de uma música gravada numa manifestação cultural, de uma entrevista gravada em estúdio, por exemplo. Cada discurso conta com diversas influências do ambiente, do gênero, do suporte, dos interlocutores envolvidos e de intervenções que possam surgir.

Na perspectiva de Du Bois (1991, p. 72, *tradução nossa*), “a transcrição do discurso⁴ pode ser definida como o processo de criação de uma representação na escrita de um evento de fala, a fim de torná-lo acessível à pesquisa”. O estudante, a partir de seu objetivo de investigação, realiza a transcrição gráfica do texto oral conforme sua pretensão e o contexto de enunciação.

⁴ Discurso, na fala do autor, refere-se ao texto oral emitido por um falante.

Esse processo de representação na escrita trata-se de um processo de criação, na medida em que se pauta pelo que se propõe a investigar, o que não significa que o estudioso vai criar enunciados ou mesmo situações que interfiram no texto enunciado, apenas que vai selecionar o que interessa para sua análise e, a partir disso, definir métodos específicos de transcrição. Um texto oral apresenta diversas facetas passíveis de serem estudadas, o que o pesquisador vai fazer é delimitar qual lhe compete.

Vale destacar que a escolha de uma determinada área ou de um tema para se estudar não implica em dissimular o que foi enunciado, criando discursos que não foram enunciados, de modo a obter o material idealizado. É preciso cautela e integridade ética por parte do pesquisador, por isso a elaboração de métodos de transcrição, pautados, inclusive, quando for o caso, nas orientações do Comitê de Ética em Pesquisa, para a garantia da ética e do respeito para com seus participantes.

A transcrição deve ser, portanto, pertinente ao estudo que se propõe, o que não significa também que pesquisadores de outra área não possam recorrer ao material transcrito se este contemplar os seus interesses. Por exemplo, um historiador pode recorrer a uma transcrição gráfica de estudo lexicológico. É preciso cuidado ao generalizar que um estudo é próprio apenas para uma área do saber, assim como dizer que ele pode ser aplicado a todas áreas. Observar para o que se propõe se torna crucial para o trabalho de transcrição de um texto oral, assim como para compreender o seu alcance.

Por outro lado, as pesquisas apresentam suas singularidades e cada estudo tem um objetivo a ser alcançado. O pesquisador determinará o que é mais pertinente de acordo com sua área de estudo, haja vista que a transcrição gráfica permite um número imensurável de pesquisas, já que faz interface com diversas áreas do conhecimento.

1. Elaboração de metodologia de transcrição gráfica

Para Du Bois (1991, p. 72, *tradução nossa*), “a natureza da transcrição do discurso é necessariamente moldada pelo seu fim. Por que transcrever? A transcrição documenta o uso da linguagem, mas o uso da língua é atestado igualmente no discurso escrito, que tem a vantagem de ser fácil de obter sem transcrever”. Quando um estudioso consegue elaborar respostas para a pergunta “Por que transcrever?”, já começa a delinear de onde deve iniciar a elaboração dos critérios de transcrição. A transcrição gráfica do texto oral,

em sua forma escrita, permite a realização de diversas análises, de maneira mais facilitada, permitindo diversos estudos.

Definir uma metodologia que alcance um público considerável, além de atender aos próprios objetivos, torna-se um trabalho árduo para o pesquisador. Segundo Du Bois (1991), é por isso que é necessário, antes de partir para a transcrição gráfica, estabelecer uma metodologia tomando por base algumas ponderações: quais os objetivos da transcrição?; o que se considera por transcrição?; a que público se destina?; qual a sua finalidade?; como ela será disponibilizada?; dentre outras que possam surgir conforme suscitar o propósito da pesquisa.

Nessa mesma linha e considerando que cada área de estudo tem as suas particularidades, é de suma relevância

selecionar um quadro teórico e metodológico que dê conta do fenômeno que desejamos analisar. O objetivo da pesquisa e a escolha do(s) aspecto(s) da linguagem que o pesquisador almeja estudar devem preceder a coleta de dados, pois o objetivo é de constituir um *corpus* que contenha uma alta frequência dos fatos de linguagem selecionados (BRUM-DE-PAULA E ESPINAR, 2002, p. 10).

Nos estudos da linguagem, há vários métodos e áreas de concentração que o pesquisador pode seguir. Na análise do discurso, por exemplo, o objeto é o texto enunciado e não as marcas fonológicas ou fonéticas. Assim, seguir uma linha teórica que coadune com o objetivo da pesquisa se torna essencial para o desenvolvimento de uma metodologia de transcrição que represente os fatos linguísticos que interessa para o estudo em questão.

Du Bois (1991, p. 72, *tradução nossa*) afirma que “o processo de transcrição do discurso nunca é mecânico, mas depende crucialmente da interpretação com um quadro teórico de referência para chegar a categorias funcionalmente significativas, em vez de fatos acústicos crus”. É necessário considerar o objetivo da pesquisa, uma vez que transcrever de forma fidedigna pode gerar um resultado que não seja de interesse do pesquisador, além de que a transcrição pode deixar de evidenciar alguma informação importante da gravação.

Não basta apenas transcrever o áudio de forma fidedigna, haja vista que para uma pesquisa lexicográfica, por exemplo, não interessam, necessariamente, os ruídos advindos do ambiente nem elementos fonéticos-fonológicos. Então, neste caso, o método de transcrição precisa pautar-se na transcrição das palavras, podendo excluir algumas manifestações do discurso oral, como breves murmúrios orais, “risos”, entre outros.

Brum-de-Paula e Espinar (2002, p. 11) pontuam que a transcrição “é uma verdadeira reconstituição perceptiva das condições de produção”. A construção do escrito se dá conforme as percepções que o estudioso tem, a partir de seu objeto de estudo e do que consegue captar do contexto da fala. A metodologia, portanto, precisa considerar a natureza do texto oral, seu suporte, a pretensão da pesquisa e assim criar métodos que respeitem a enunciação, de forma ampla, e os participantes envolvidos na pesquisa.

Segundo Paula (2010, p. 29), “tomados como científicos, os estudos linguísticos reclamam para si a necessidade de preocupação com o material da pesquisa, que há de trazer o fato efetivamente registrado, não necessariamente o que o pesquisador deseja ou espera encontrar”. Respeitar este material de pesquisa é crucial para garantir a sua cientificidade, pois evita decisões subjetivas que possam surgir e corromper os dados obtidos, assegurando-se, assim, a integralidade do material.

Portanto, o contexto de enunciação deve ser fator crucial, assim como a definição do objeto de estudo, pois ajuda o pesquisador a compreender qual o ponto de partida para iniciar o processo de elaboração metodológica de transcrição gráfica. Para isso, o pesquisador pode partir de seu projeto de pesquisa, para fazer os questionamentos dos mais gerais para os mais específicos, tais como: qual o objetivo da pesquisa?; qual a hipótese?; qual área do saber?; qual o público-alvo?; o texto oral é oriundo de entrevista ou gravação?; é público ou precisa de apreciação do Comitê de ética?; se a área de estudo for da Linguística, por exemplo, qual a linha de estudo: Fonética, Fonologia, Sociolinguística, Lexicologia, Análise da Conversação?. E assim, conforme o intento da pesquisa, as perguntas vão sendo respondidas e complementadas, direcionando a elaboração das normas de transcrição.

Ter clareza de todas as etapas da pesquisa desde os objetivos até a hipótese final permite que o pesquisador tenha condições de criar métodos que dialoguem com o estudo, que facilitem seu trabalho, que respeitem a fonte e os participantes envolvidos e que garantam a cientificidade da pesquisa. Por isso, é relevante que, antes de partir para a elaboração desses métodos o projeto de pesquisa esteja definido e bem elaborado.

Nesta direção, antes de adentrar na etapa da transcrição, é preciso que o projeto de pesquisa tenha sido elaborado com consistência, ética e adequação à área de estudo do pesquisador, de maneira que a metodologia elaborada garanta, de forma clara e mais detalhada possível, a verificação da hipótese do estudo, que poderá ser comprovada ou refutada. Da mesma forma, ter embasamento teórico congruente com a área do estudo e

atualizado é essencial para que a metodologia de transcrição seja elaborada em consonância com seus pressupostos e perspectivas teóricas.

Vale ressaltar que não basta ter um projeto de pesquisa completo conforme as orientações acadêmicas, é preciso considerar especialmente o objeto da pesquisa. E essa parte também deve estar prevista e deve ser considerada ao elaborar a metodologia de transcrição.

Para cada pesquisa, há, portanto, uma particularidade que se deve considerar. Assim, é importante observar quais recursos computacionais envolvidos na transcrição gráfica são congruentes com o objeto do estudo. Há recursos dos mais simples aos mais sofisticados e muitas vezes desconhecidos por pesquisadores das áreas das Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes, por exemplo. Por isso, o pesquisador deve partir de seu objetivo de pesquisa para identificar qual recurso não só vai se adaptar a ele, mas também àquele que poderá facilitar a transcrição para o alcance do público que se espera.

Ao se deparar com a etapa de transcrição gráfica de um texto oral, o pesquisador, em geral, se defronta com a seguinte questão: como realizar esse processo de maneira ética e afinada com minha proposta? A pesquisa, mesmo sendo científica, é subjetiva, já que é desenvolvida por uma pessoa que está se debruçando sobre o labor de resolver o “problema” do seu objetivo proposto. Assim é que responder à pergunta supracitada não é, muitas vezes, simples, pois perpassa por vários fatores.

O entendimento e a clareza do que se deve ser demarcado ou não na transcrição permitem que o estudioso busque por teorias que o auxiliem desde a elaboração desses critérios para a transcrição até a análise dos dados transcritos. Uma vez que a fundamentação teórica esteja em consonância com todas as etapas da pesquisa, esta correrá menos riscos de cometer algum “deslize” de ordem ética e certamente conseguirá alcançar os objetivos propostos, refutando ou confirmando a sua hipótese inicial.

O contexto de realização da pesquisa com língua oral, portanto, deve ser considerado em todas as etapas, incluindo a análise de dados, haja vista que, por exemplo, segundo Paula (2010, p. 34), “há vários fatores tais que as peculiaridades não linguísticas que envolvem o ato de fala, mas que, não raro, as contornam linguisticamente, como entonação, pausas, hesitações; as dificuldades de audição de falas muito dialetalmente marcadas”, quando se trata de uma entrevista. Assim, dependendo do objetivo proposto, os fatores mencionados devem ser considerados e incluídos na análise.

Segundo Paula (2010, p. 30, *marcas da autora*),

em uma pesquisa *científica*, não é o pesquisador que molda e formata uma situação de uso da língua que sirva aos objetivos e procedimentos metodológicos de seu projeto de investigação; ainda que seu projeto primeiro lhe seja um guia, ele não deve ser um parâmetro. O pesquisador não faz a fonte, ela é real enquanto expressão do uso por um falante ou um grupo de falantes; ele a encontra no mosaico heterogêneo de uma língua, identifica-a como ideal para seus propósitos, edita-a e constitui seu *corpo de material linguístico*.

Estabelecer qual gênero discurso oral será escolhido como objeto de estudo depende da proposta da pesquisa, porque há estudos em que se tem o material já gravado, por se tratar de programas de rádio, de televisão, de internet; e há aqueles em que o pesquisador precisa ir a campo para produção/coleta desse material, sejam entrevistas, aplicação de questionários ou mesmo gravações de manifestações públicas, de arte, de cultura, por exemplo.

É preciso autorização prévia do participante e/ou do seu responsável (quando menores de 18 anos ou vulneráveis) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em caso de textos orais que vão ser construídos na relação pesquisador-participante, já aqueles disponíveis ao público, como no caso da manifestação religiosa da Congada durante a Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, em que não há necessidade de obter tal autorização caso se filmem os ternos dançando ou se gravem as cantigas entoadas por eles, mas se a gravação tiver forma de entrevista com os dançadores, é preciso ter autorização do participante e do CEP para utilizar e divulgar em pesquisas acadêmicas.

É importante destacar também que em caso de fontes orais, o pesquisador deve verificar o contexto de enunciação para solicitar ou não a autorização do CEP. Se se trata de fonte advinda de um ambiente público, como a página de internet de uma rádio, não há necessidade de avaliação do CEP, mas se forem fontes advindas de entrevistas, de gravação de áudio de locais privados, este material deve ser avaliado pelo CEP. Segundo Paula (2010, p. 32), “Os comitês de ética entendem que se os textos orais dizem respeito à vida ou às experiências dos falantes podem significar risco à sua vida. Por isso, carecem de autorização daqueles cujas falas serão gravadas ou de seus responsáveis”.

Para estudos lexicais, por exemplo, importa observar a semântica das palavras, assim a transcrição gráfica tem como foco as unidades lexicais, de modo que o pesquisador não desdobra a sua atenção sobre entonação ou aspectos fonológicos, por exemplo. Já nos estudos fonéticos, além da transcrição gráfica, é preciso, por exemplo, transcrever os vocábulos ou as frases foneticamente, ou seja, usando os fones que mais se aproximam das falas dos entrevistados. Pela particularidade dessa transcrição, esta não

deve sobrepor-se à gráfica, ela apenas deve ser agregada para recuperar especificidades de possíveis atos de fala.

Segundo Paula (2010, p. 34), “Os estudos da língua portuguesa usada no Brasil, baseados em usos orais, carecem ainda de maior abrangência para dar conta da diversidade linguística que os caracteriza”. Por isso, o estudante-pesquisador deve ser alertado sobre os cuidados ao se fazer uma pesquisa dessa natureza, pois pode envolver, em alguns casos, riscos e/ou desconforto para os participantes.

Submeter o projeto à apreciação do CEP reduz, de certa forma, os riscos ao passo que a legislação esclarece ao pesquisador e à pessoa que irá participar da pesquisa todos os riscos e benefícios, deixando claro no momento da coleta das informações quais são tais riscos e benefícios e o que pode ser feito para saná-los, além de que todo o material a ser aplicado será apreciado por tal Comitê.

Outro fator de igual importância é a cautela ao realizar a transcrição para evitar intromissões subjetivas, como já foi mencionado, pois isso interfere na autenticidade dos fatos e, conseqüentemente, na cientificidade da pesquisa. Garantir a máxima objetividade nesse processo corrobora para que a análise dos dados possa ser realizada de forma ética, congruente com a realidade dos dados obtidos. Ramilo e Freitas (2001, p. 01) pontuam, nesse sentido, que

o transcritor não deverá ser zeloso ao ponto de tentar resolver todas as lições, principalmente quando estas lhe são totalmente incompreensíveis. Por outro lado, não deverá subtrair elementos do texto, ainda que sejam geradores de confusão e dificultem a inteligibilidade. Deverá acautelar-se ao máximo no sentido de não impor sobre a transcrição quaisquer marcas pessoais, distinguindo o seu idiolecto daquilo que realmente está a ser dito.

Contudo, há casos em que há a necessidade de suprimir informações na transcrição, por serem fatos tão pessoais que segundo as normas de ética em pesquisa não se podem divulgar. Vale destacar que essas supressões devem estar esclarecidas nas normas, deixando, nas transcrições, esses hiatos. O texto oral não pode ser divulgado, juntamente com sua edição escrita, haja vista que algumas informações gravadas pelo pesquisador são de ordem tão pessoal do entrevistado que, se divulgadas, podem comprometer ou causar constrangimento ao sujeito pesquisado. Por isso, a relevância e o cuidado em submeter à apreciação o projeto pelo CEP.

Para pesquisas em que há a necessidade de fazer entrevistas, Labov (1983) considera que o melhor material oral a que o pesquisador pode ter acesso é aquele obtido

de modo não monitorado e que tenha cunho pessoal, pois nessa situação de interação, o uso linguístico é real e espontâneo, por isso o autor declara ser crucial excluir os cinco primeiros minutos de pesquisa, já que neles o entrevistado consegue monitorar a sua fala.

O fato de a pessoa dar uma entrevista já pode interferir nas suas respostas, pois se trata de uma situação “controlada pelo pesquisador”, que apresenta as perguntas, o teor da pesquisa, esclarece os riscos e benefícios de sua participação, por isso, exercer uma postura de cuidado em não alterar o ambiente do entrevistado, em não interferir nas suas respostas contribui para a aquisição de dados que representam a pessoa entrevistada e coadunem com a realidade dela, garantindo um melhor texto oral.

2. Alguns recursos tecnológicos que podem ser ferramentas úteis na transcrição gráfica

No cerne de todo estudo, o pesquisador busca por ferramentas que possam auxiliar no percurso da pesquisa e com a etapa de transcrição gráfica torna-se essencial o acesso a algumas delas. Definir a que melhor se aplica a cada estudo é muitas vezes desgastante para o estudioso, que pode desconhecer muitas das que estão disponíveis.

Com o avanço cada vez mais rápido dos recursos tecnológicos, as ferramentas se tornam inúmeras e de fácil acesso. Mas como saber qual se tornará uma facilitadora para minha pesquisa? Partir do objetivo que se espera alcançar com o estudo e do gênero discursivo focalizado parecem ser as principais respostas para a escolha dentre os recursos diversos que nos estão disponíveis. Há ferramenta que permite que a fala seja desacelerada, outras que transcrevem como o texto é dito, assim por diante.

No *Word*, um processador de texto da Microsoft, tem-se o recurso do ditado na aba “Editar” > “Iniciar ditado”, iniciando o áudio do texto oral. As palavras serão transcritas no arquivo que o estudioso abrir do *Word*. Esta função está disponível tanto no *Word* quanto em outros programas como *Excel* e *PowerPoint*. Este recurso é encontrado em apenas algumas versões, pois é oriundo do Office 365, serviço de assinatura do pacote, que pode ser usado online e em qualquer lugar.

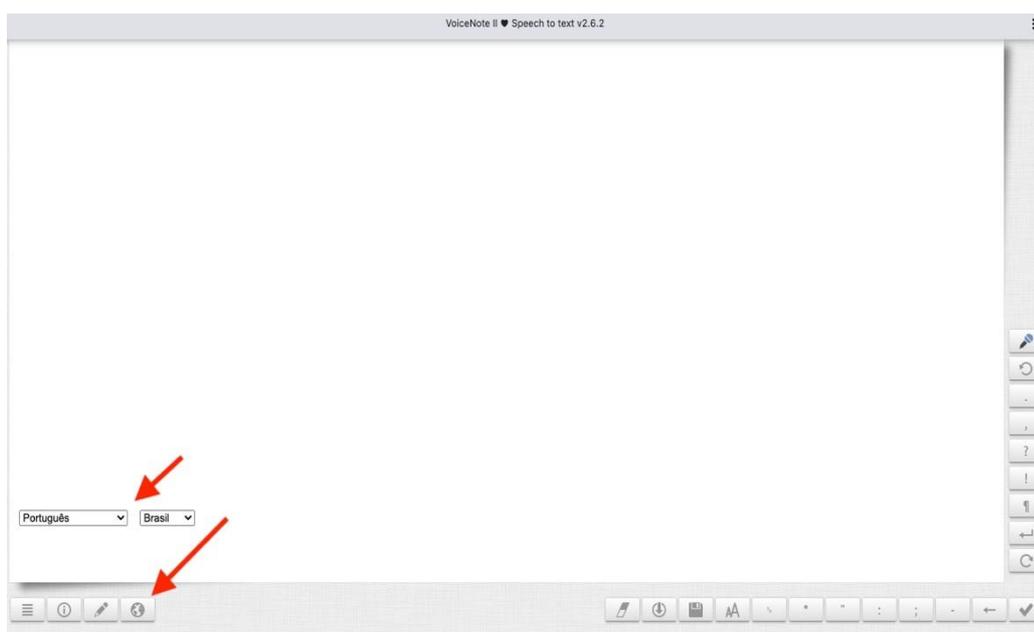
Vale destacar, que com este recurso supracitado, se a fala estiver muito acelerada, a transcrição poderá apresentar lacunas. De toda forma, por ser de fácil acesso e gratuita, pode-se considerá-la um auxílio e não a resposta para a transcrição. Como qualquer recurso que o pesquisador opte por utilizar, cabe a ele verificar como está sendo a

transcrição, esta compreende a metodologia elaborada?; atende ao proposto pela pesquisa? As perguntas feitas anteriormente devem ser consideradas em toda etapa, para que a representação do texto escrito esteja congruente com a proposta da pesquisa.

Não se pode perder de vista que cada estudo possui singularidades e que o que temos a nossa disposição é para auxiliar, nos permitir desenvolver a pesquisa com cautela, cientificidade e objetividade, o que garante que a pesquisa se enquadre na ética. É por isso que cada pesquisador precisa, frequentemente, ajustar as normas existentes às premissas da sua pesquisa, individualizando-as, embora continuem enquadrando-se em uma base referencial comum, que permite, inclusive, o aperfeiçoamento constante das normas.

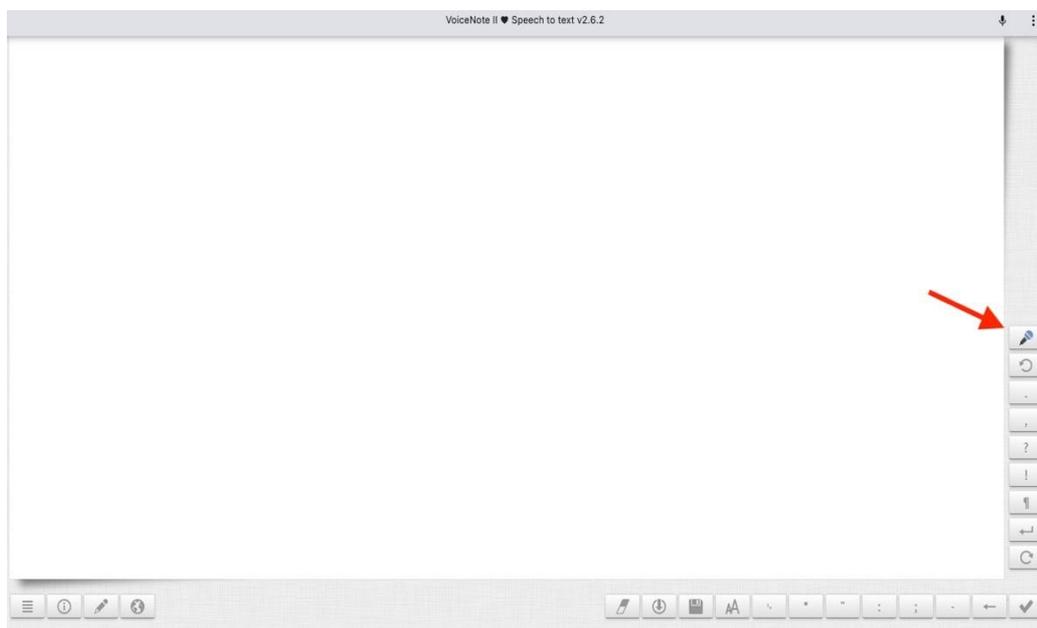
Outra ferramenta que pode ser mencionada é a “Voicenote II Speech to text”, disponível no navegador do *Google Chrome*. Com esta ferramenta, o pesquisador consegue fazer as adequações com inserção de pontuação, correção de palavras, como se fosse o processador de texto do *Word*, tendo ainda a opção de salvar com o formato de “txt”. Para acessar, é necessário ter o navegador Chrome instalado. Após isso, basta ir em Webstore, depois pesquisar a ferramenta “Voicenote II Speech to text”; outro caminho é digitar na aba pesquisar “voicenote.in”, que será então direcionado para a página⁵.

Após a ferramenta ser instalada, inicialmente é necessário ir na imagem do globo terrestre, na parte de baixo da tela, para escolher o idioma do áudio, como pode ser visto na imagem abaixo:



⁵ <https://chrome.google.com/webstore/detail/voicenote-ii-speech-to-te/hfknjgplnkgjihghcidajejfmldhibfm>.

Em seguida, basta ir na tecla em formato de microfone e acionar o áudio para que o texto oral seja transformado em escrito, conforme a seguir:



Assim como no ditado do *Word*, reforçamos que o estudioso precisa estar sempre atento à metodologia de transcrição para adequar o que está sendo transcrito a ela.

Para as pessoas que têm à sua disposição computadores da marca “Apple”, basta clicar duas vezes em função (“fn” no teclado) e abrir um arquivo de processador de texto, como *word*, bloco de notas, por exemplo, e ligar o áudio do material oral. Este recurso é semelhante ao do ditado do *word*, em que o texto oral é representado no escrito como é enunciado e em textos com enunciados mais rápidos ou com sobreposições de falas, torna-se difícil de se obter uma boa representação escrita.

Outra ferramenta interessante é a “Express Scribe”, que permite ao pesquisador inserir arquivos de áudio em uma interface, procurando o arquivo no próprio computador, e permitindo-se alterar a velocidade de execução do arquivo em áudio, o volume da gravação, saber o tempo da gravação e o tempo já transcrito, pausar, salvar o arquivo em DCT, uma extensão que permite o compartilhamento do conteúdo transcrito com outras pessoas, facilitando muito o serviço do pesquisador que trabalha com áudio e precisa transcrever. Vale lembrar que esses comandos podem ser executados no próprio programa ou o pesquisador pode configurar o computador para ativar os comandos do pedal e das hot-keys pelo teclado.

Hot-keys é um atalho que fica no lado superior do aplicativo, em options > other > hot-keys. Por meio desse caminho é possível ativar alguns comandos através das teclas

f2 a f10 do teclado, tais como: f2 = iniciar velocidade lenta; f3 = iniciar velocidade rápida, f4 = pausar; entre outros. O aplicativo conta com a tecla adicionar, por meio da qual é possível mudar a função das “chaves”, de acordo com o interesse do pesquisador. Para tanto, após clicar em “add”, será aberta uma nova janela. Na guia “command”, aparecerá as opções que poderão substituir as funções da tecla selecionada. Após escolher a nova função que a tecla irá assumir, no canto superior direito, a tecla “change” deverá ser selecionada para que o pesquisador realize a troca de comando⁶.

O pedal fica do lado inferior do aplicativo. Com ele, é possível pausar, desacelerar ou acelerar o áudio por alguns segundos e ampliar ou baixar o volume do áudio, além de permitir que o pesquisador continue a transcrição do áudio onde ele foi pausado, sem ter que regressar ou adiantá-lo. Esses recursos são muito úteis e facilitam a transcrição para quem não tem muita prática com esse tipo de pesquisa.

Para utilizar este programa, é preciso instalá-lo no computador, fazendo o *download* gratuito⁷. Ele pode ser executado com qualquer editor de texto aberto sem maiores implicações no áudio que está sendo reproduzido. Para digitar diretamente no word, o pesquisador pode controlar o áudio pelo teclado. Pode-se, inclusive, criar modelos de transcrição apenas com cabeçalhos e salvar numa pasta específica. Para tanto, é preciso ir em *Settings > Other* e selecionar o novo arquivo modelo. Toda vez que desejar abrir ou criar um documento de gravação, é só apertar as teclas *ctrl + w*, concomitantemente.

De maneira alternativa, pode-se utilizar o espaço de transcrição disponível no próprio programa e o salvamento ocorre de forma automática. Todavia, não é recomendável fazer esse processo, pois pode ocorrer falhas e, conseqüentemente, a perda do material transcrito.

São vários os programas e as ferramentas que auxiliam o pesquisador na etapa de transcrição de um texto oral em um escrito, conquanto nenhuma delas substitua o trabalho árduo do pesquisador de se debruçar sobre o áudio para ouvi-lo novamente e revisar as falhas que surgirem. Foi nosso intento pontuar algumas das ferramentas que utilizamos em nossas pesquisas e que têm nos auxiliado neste processo. O importante é sempre manter o foco no objetivo da pesquisa e do texto oral para termos condições de elaborar

⁶Para mais informações sobre o uso das hot Keys, acessar o seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=KLhGIHcO2D4>. Acesso em: 02 set. 2021.

⁷ Express Scribe Disponível em: <https://www.nch.com.au/express/>. Acesso em: 02 ago. 2021

uma boa metodologia que comporte as intenções da pesquisa e para que a escolha do programa e/ou ferramenta de transcrição de áudio auxilie mais do que atrapalhe na pesquisa.

Vale destacar, portanto, partir da ferramenta ou programa para realizar uma transcrição não é o melhor caminho se o pesquisador não considerar o que se pretende com a pesquisa. Utilizar uma ferramenta do *word* para um áudio de velocidade mais acelerada poderá gerar prejuízos na pesquisa, já que não conseguirá transformar em texto escrito todas as palavras enunciadas.

Considerações finais

Para Paula (2010, p. 34),

embora reconhecidas como necessárias e relevantes, as pesquisas com usos linguísticos orais não contam ainda com normas explícitas e gerais para edição de textos – a audição fiável, a transcrição que seja alcançada e compreendida por qualquer pessoa que, de posse das normas que a conduziram, tome-a para leitura. Isso se constata porque os pesquisadores do português, na modalidade oral, não elaboram um conjunto de normas, com diferentes propósitos de investigação linguística.

Entendemos que essa dificuldade em determinar normas exista porque as pesquisas são subjetivas e têm particularidades que vão nortear cada critério a ser observado.

Fazer pesquisa com fonte oral exige do pesquisador uma atenção especial na obtenção desses dados. É preciso que se crie metodologias não só da pesquisa, mas também da aquisição do texto oral, conforme suscita a pesquisa e em respeito à ética do objeto da pesquisa, do entrevistado, se for o caso, e do desenvolvimento do estudo como um todo.

Segundo Paula (2010, p. 35),

nota-se que a formação oral confiável e que possa servir a pesquisas linguísticas diferentes está a exigir do estudioso tempo, domínio de normas e técnicas. Por essas razões, provavelmente, poucos são os pesquisadores que se lançam em projetos para os quais devem constituir empiricamente os seus *corpora* orais.

Por isso, muitos estudiosos tem resistência ao partir para estudos de fontes orais, pois são muitos os desafios a serem sanados para além do que a própria natureza do material de pesquisa suscita.

Contudo, ao realizar uma pesquisa dessa natureza, o pesquisador, muitas vezes, acaba tendo um vínculo diferenciado com o *corpus*, no sentido de que conhece todo o contexto por detrás de sua aquisição, o que permite que a análise dos dados seja elaborada com mais segurança por conta do arcabouço de informações obtidas na elaboração de toda metodologia de obtenção das fontes orais, se for o caso, de transcrição gráfica, e da pesquisa.

É preciso lembrar que tudo isso só pode ser realizado com maestria se o pesquisador aliar as ferramentas computacionais com muito trabalho, pois é preciso revisar quantas vezes forem necessárias para que todo o rigor supramencionado seja válido. Sem a elaboração de métodos para executar todas as etapas do estudo, o pesquisador perde a cientificidade da pesquisa.

Comungamos da perspectiva de Azevedo *et al.* (2017, p. 169), que dizem que

importa reconhecer que não há regras nem protocolos universais para realizar transcrições, bem pelo contrário, transcrever é uma tarefa bastante eclética, que exige que as pessoas envolvidas compreendam, estabeleçam e assumam um conjunto de princípios e práticas, na tentativa de harmonizar as transcrições e, conseqüentemente, evitar desperdícios de tempo, de trabalho e conflitos interpessoais.

Referências

AZEVEDO, Vanessa; CARVALHO, Margarida; FERNANDES-COSTA, Flávia; MESQUITA, Soraia; SOARES, Joana; TEIXEIRA, Filipa; MAIA, Ângela. Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. In: *Revista de Enfermagem Referência*. vol. IV, núm. 14. 2017. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Portugal. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388255675017>. Acesso em: 27 dez. 2021.

BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose; ESPINAR, Gema Sanz. Coleta, transcrição e análise de produções orais. In: BRUM-DE-PAULA, M.R.; SCHERER, A.E.; PARAENSE, S.C.L. (Orgs.). *Letras*, nº 21. Santa Maria: PPGL Editores, 2002.

DU BOIS, Jean W. *Transcription design principles for spoken discourse research*. 1991. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.460.8405&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

EXPRESS SCRIBE. Disponível em: <https://www.nch.com.au/express/>. Acesso em 02 ago. 2021.

HOT KEYS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KLhGIHcO2D4>. Acesso em: 02 set. 2021.

LABOV, William. *Modelos Sociolinguísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983.

PAULA, Maria Helena de. Notas sobre fontes para estudos linguísticos: esboço de uma discussão. In: PAULA, Maria Helena de; FACHIN, Phablo Roberto Marchis (Org.). *Percorrendo trilhas filológicas: estudos para a história da Língua Portuguesa – Em homenagem a Heitor Megale*. Goiânia: FUNAPE/DEPECAC, 2010. p. 29-44.

RAMILO, Maria Celeste; FREITAS, Tiago. *Transcrição ortográfica em textos orais: problemas e perspectivas*. Lisboa: ITELIC, 2001.

VOICENOTE II SPEECH TO TEXT. Disponível em: <https://chrome.google.com/webstore/detail/voicenote-ii-speech-to-te/hfkjngplnkgjihghcidajejfmldhibfm>. Acesso em: 02 ago. 2021.